



NOVEMBRO 1978-NÚMERO UM

Desconhecido pela maioria, inédito (por suposição) aos conterrâneos os maranhenses, residentes em Brasília — iniciamos no momento a primeira tiragem do jornalzinho "PAUSA" o qual vem sendo planejado desde maio passado.

Nasceu naturalmente e, em uma mesa de bar acoplamos idéias, antecedendo o trabalho duro e rústico que teríamos então a transpor.

Foi lembrado Teofrastes Renoudot — criador do primeiro jornal de fato, como do célebre Hipólito José da Costa e tantos outros que tornaram-se realizados em iniciativas mínimas comparável à nossa.

Partimos à fase seguinte: o manual de redação, as normas e regras foram colocadas no papel — via de regra, bem simples, em uma linha bem definida e geral: qualquer pessoa que queira participar será sempre bem vinda.

Colaborações de todas as maneiras, tais como: crônicas, artigos, críticas e principalmente a ajuda econômica, serão todas acolhedoras e significativas.

No entanto, cientes estamos do valor das colaborações mínima dos

EDITOR: OLÍMPIO CRUZ

REDADORES: EIDER MORAIS

J. MURILO MILHOMEM

DIRETOR RESPONSÁVEL:

JOSÉ MURILO MILHOMEM DE SOUSA

REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA:

QE 09 - CONJUNTO C - CASA 15

TELEFONES: 568-1291

568-1700

leitores, sem o qual nos será quase impossível, seguir este caminho que nós com tanta luta desbravamos. Não obstante, tenhamos entusiastas desde a pré-fundação do jornal.

Hoje na última fase do período primitivo onde neste momento atingimos inteiramente nossos objetivos e, só nos resta esperar que nossa proposição e anseio, sejam também de uma maioria, e que esta, saiba dar o apoio necessário.

DESTACAMOS NESTE NÚMERO:

ENTREVISTA COM O POETA OLÍMPIO CRUZ. PÁGINA 4

A TELEVISÃO NO BRASIL. PÁG. 3

"UMA RAPSÓDIA DE AMOR" DOCUMENTO HISTÓRICO ESCRITO POR OLÍMPIO CRUZ. PÁGINA 2

30 ANOS DO MARCO ALEMÃO. PÁG. 7

MARANHÃO SOBRINHO. PÁGINA 3

COLABORARAM COM O NOSSO JORNAL:

MURILO AVELINO DA NÓBREGA

SEBASTIÃO ARTUR L. MILHOMEM

GILSON PACHÊCO SOARES

ANTÔNIO VIEIRA DE ARAÚJO

Olimpio Cruz

Fei o sábio entendimento de Hoerdt em deixar legado aos que se atrevem adentrar-se nas miríficas paisagens do passado que "a história não se nos dá, impõem-se-nos". E com justiça dessa assertiva, coube-nos, como parcela mínima, a responsabilidade grandiosa de, como filho da terra, já tão cantada por aqueles amaldiçoados pela poesia, esboçar, em traços frívolos e ligeiros, um perfil, mesmo sem retoques, de sua rapsódia de amor, de sofrimentos e esperanças tantas.

Na impossibilidade acuidada de mergulhos mais densos à cata de informes e registros, que ampliam de certo modo o objeto a ser prescrutado em razão do sujeito a que tal se propõe, foi-nos possível, apenas, no campo ambiental em que operamos o empirismo e as informações por nós guardadas ao longo destes anos de saudosismo sobre este "país de infância", bem como outros pequenos subsídios que não fugiram, felizmente, do nosso alcance.

"A Vila de Santa Cruz de Barra do Corda, está situada na latitude meridional de 5 graus e 3 minutos e longitude ocidental de 47 graus e 6 minutos". Possui atualmente uma área de 14.058 Km². Limita-se com os seguintes municípios: Grajaú, Tuntum, Mirador, Esperantinópolis e Joselândia.

Barra do Corda é hoje uma das mais belas e progressistas cidade do Maranhão, localizada no antigo vale que fica na última curva do rio de cristalinas águas que lhe dá o nome,

em confluência com o Mearim, que se cruzam sem se misturarem, num desafio de heroicidade da natureza. Barra do Corda fôra fundada pelos bravos cearenses, Manuel Rodrigues de Melo Uchoa e Manuel Raimundo Maciel Parente, aos 3 de maio de 1835, em plena primavera, numa premunição de que a cidade seria para todo o sempre uma bela e eterna estação de flores.

"Só através da História adquire um povo plena consciência de seu próprio ser", é o que o filósofo Schopenhauer, que nos permite, na motivação desse preceito, aventurarmo-nos a esta saga, transcrevendo, à guisa de ilustração, o que escreveu César Augusto Marques no seu "Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão:

"É banhada a NO e S pelos rios Mearim e Corda. Pode mais tarde, tornar-se importante e muito útil; dotada de um clima ameno, de ar puro e saudável água cristalina do rio Corda".

"Pela Lei provincial Nº252 de 30 de novembro de 1849, foi criada uma capela curada aí, então 2º distrito da vila da Chapa da".

"NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, CONTINUAREMOS PUBLICANDO TRECHOS INÉDITOS DESTE DOCUMENTO HISTÓRICO".

"COLABORE CONOSCO". "PAUSA"

A TELEVISÃO NO BRASIL

J. Murilo

Segundo dados, nossa televisão está classificada entre as nove primeiras do mundo. Apesar das dificuldades, esta posição tende a melhorar, pois a cada dia que passa, este meio de comunicação se aperfeiçoa, adquirindo o que há de mais moderno no que se refere a equipamentos e nível de programação.

São vários os problemas enfrentados. De todos, o mais ressentido, De todos, o mais ressentido, é a constante intervenção da censura, que em determinados casos tem sido bastante rígida. Estas medidas tem levado nossos autores, a produzir programas de baixa qualidade, pois produções consideradas boas, quase sempre são proibidas. Houve casos de veto a trabalhos inteiros: ROQUE SANTEIRO, trazendo enormes prejuízos à emissora produtora.

Outro problema tem sido motivo de inúmeros debates: o grande número de enlatados (filmes estrangeiros) com alto grau de violência, exibidos em nossa televisão no chamado horário livre, e até mesmo na parte da noite. Talvez em breve, idêntico ao ocorrido no cinema, seja feito um regulamento a esses abusos ocorridos. Principalmente em se tratando de filmes com exibição livre, que muitas vezes traz influências negativas para o comportamento das crianças.

Apesar dos problemas: censura, filmes estrangeiros e outros de me-

nor importância, temos visto o esforço dos autores e produtores no sentido de nacionalizar este setor. Como por exemplo; fazendo adaptações de obras de autores brasileiros para a televisão, procurando dar formas brasileiras aos programas, em detrimento dos estrangeiros.

SOCIAIS

- Dia 21 de outubro, comemorou-se os aniversários dos jovens Eider e Aristides. Presenciaram o evento, amigos íntimos dos aniversariantes.

- Estarão aniversariando nos dias 5 e 11 de novembro, Edmar J. Tosta e Luzi Rosa Gomes. Juízo!

Paulo Reginaldo (Besouro) é o novo presidente do diretório da UPIS.

Dia 5 e 11 de outubro, fizeram aniversário, Eurico Maciel e Wilma Moraes.

O Anuário de Poetas do Brasil, versão 1978, publicou poesias inéditas do poeta Olímpio Cruz Júnior.

Não oficialmente, colhemos por intermédio de terceiros, a notícia de que em fevereiro próximo, estará contraindo matrimônio, o nosso amigo Besouro (Dudú).

Encontra-se entre nós, a professora Coraci Córdova.

ENTREVISTA: Olímpio Cruz

O AMOR NATO À POESIA

Sertanista, indianista, pesquisador e poeta acima de tudo — Olímpio Martins Cruz — umas das figuras ímpares da cultura barracordense, para não citar o próprio Maranhão.

Poeta há 32 dos atuais 69 anos de idade, Cruz ao longo desta trajetória, com muita luta, conseguiu editar cinco dos seus livros, possuindo então outros inéditos.

Aposentado no momento — antigo funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, hoje Funai, quando na época adquiriu quase a totalidade dos conhecimentos sobre os indígenas abrangendo uma vasta cultura desde às lendas, tradições, costumes e línguas, até historicamente documentar às várias observações suas feitas.

Autodidata e primo cultivador da arte, principalmente à literária ao longo destes variados anos — desenvolveu composições, canções patrióticas e religiosas, romances, como margeou a área da literatura de cordel. No momento é autor de um meritório documentário que faz inveja a qualquer antropólogo, cravadores da história maranhense.

Tornar-se-a delongado e prolixo a apresentar este ser humano humilde, terno e com a sensibilidade a flor da pele. E exatamente sobre sua sensibilidade que Cruz discorre nesta entrevista, contando e revelando episódios inerentes ao conhecimento dos leitores.

P-Quando o Sr. iniciou a escrever poesias?

Cruz- Comecei muito cedo, mas sem ter noção, orientação de nada. Parecia uma vocação porque nem eu mesmo sabia de onde vinha, ou mesmo porque fazia. Aos oito ou nove anos já fazia umas trovinhas. Com 16 e 17 anos, ainda sem regra de metrificação, sem quase gramática escreví alguns poemas — meu pai, minha mãe e alguns amigos gostaram e então continuei. De lá para cá trabalhei no jornal "O Norte" como tipógrafo, voltei a roça, mais o diretor do jornal — Major Luiz Gonzaga Roland, achou que deveria me ajudar nomeando-me professor primário no povoado denominado "Narú", então lia à noite para ensinar durante o dia e daí parti para o primeiro soneto.

P-Fazendo uma comparação entre as primeiras poesias, com às últimas, o que há de diferença?

Cruz- A inspiração talvez fosse melhor que a de hoje, mais os conhecimentos sobre metrificação, versificação, concordância não se pode comparar.

P-Como o Sr. seu pai o via poeta?

Cruz- Meu pai algumas vezes achava que eu deveria largar aquilo e trabalhar, mas ele gostava, apesar de não conhecer nada.

P-O Sr. seu pai, escrevia poesias?

Cruz- Em um livro "Poesia Popular" de Felix Aires, e entre tantas que eu citei, estava umas duas do meu

Cont-

Continuação da Entrevista:

pai, e para grande satisfação minha foram publicados.

P-Quais os temas preferidos que o Sr. mais gosta de desenvolver?

Cruz- Amor; Cigarra; Flôres, Mandacará; Sertão e Índio.

P- O Limiar foi um jornal existente em Barra do Corda nos anos cinquenta, ao qual o Sr. foi fundador. Qual a experiência arrecadada deste jornal?

Cruz- "O Limiar" era muito bom literariamente, mas infiltrou um germe, um micróbio da política. Talvez a experiência minha nêle, vão até servir a vocês.

P- Por que o Sr. dedicou-se mais à poesia?

Cruz- A poesia nasceu comigo. Não quer dizer que sou um poeta nato, ao contrário, mas se você me pedir um artigo sobre qualquer coisa, eu acho melhor escrever em forma de poesia e lhe dou muito mais rápido.

P- Algum outro gênero, o Sr. tem escrito?

Cruz- Sim. Ainda tenho por publicar um livro sobre o Alto Alegre, cujos originais já estão em Recife. Neste livro eu conto coisas que outros ainda não contaram, isso não é nenhum mérito meu, mas consegui pesquisando fatos que antropólogos não conseguiram. O título ainda não está bem definido. Gostaria que fosse "Cauré Imana" que é o nome do chefe rebelde — o João Caboré, como é conhecido em Barra do Corda. "Massacre do Alto Alegre" poderá também ser o título.

P- Certamente o Sr. como poeta veio a sofrer influências de outros poetas?

Cruz- Olavo Bilac; Raimundo Correia; Alberto de Oliveira; Casimiro de Abreu.

P- Atualmente quais os seus autores preferidos?

Cruz- Carlos Drummond, Manoel Bandeira e tudo que chega as minhas mãos, eu leio.

P- Maranhão Sobrinho, poeta primeiro barracordense é atualmente considerado como amazonense, o Sr. concorda?

Cruz- O Maranhão Sobrinho realmente esteve no Amazonas, mas eu estou a par da história. Tipo aventureiro naquela fase de muito dinheiro, ele esteve em Manaus, publicou versos e quando morreu, o governo mandou fazer-lhe um monumento, e talvez por isso que muita gente pensa que ele seja amazonense. Josué Montelo um dos grandes escritores maranhenses disse: "Teria sido um perfeito São Francisco de Assis, se não fosse seu irmão Alcool, companheiro inseparável".

P- Dizem que um escritor, poeta — só depois da morte ele pode tornar-se reconhecido, acredita o Sr. nessa proposição?

Cruz- A maioria só depois da morte. Eu apesar de não ter alcançado muita coisa, sinto-me satisfeito com os vários prêmios recebidos. Na minha terra, hoje, tenho recebido muito carinho — antes — a gente recebe muitas pedradas, muita gen-

Continuação da Entrevista:

te não acreditava em mim, não me vieram estudar. Presentemente, até autógrafos já dei em minha cidade e as homenagens que ultimamente recebi — da prefeitura, maçonaria etc — fiquei muito satisfeito e emocionado.

P—O Sr. carrega alguma máguia da poesia?

Cruz— A gente sofre. Há ocasiões que você pode abrir alguma porta e fechar outras. Houve poetas como Maranhão Sobrinho, Castro Alves e tantos outros que pensavam que a poesia eram só deles e a ela entregaram até a vida. Hoje o poeta já chegou à realidade, um exemplo é o J. G. de Araújo Jorge — verdadeiro na acepção da palavra; um homem de influência política, de luta.

P— Quais as dificuldades encontradas pelo Sr. para publicação do seu livro?

Cruz— Meu primeiro livro chama-se "Puturã", editado pelo S.P.I., hoje Funai. No segundo "Canção do Abandono" que custou cinco contos de réis e com um grande apoio do Sr. Manoel Milhomem (prefeito na época de Barra do Corda) e foi quem custeou o livro.

"Canção do Abandono foi um marco. Lutava muito, um sonho que eu tinha. Antes pensava em publicar com o título de "Soltejos".

P— O Sr. desenvolveu outras composições para música além do hino do município de Barra do Corda?

Cruz— Sim. O hino da cidade de Carolina; o hino do Ginásio N. S. de Fátima de Barra do Corda e de um colé-

gio aqui de Taguatinga, além de composições religiosas, com música de Moisés Araújo.

P— Em Barra do Corda quem são os novos poetas?

Cruz— Sempre leio poesias de muita gente em Barra do Corda. A professora Coraci; Olinda Ribeiro; Antônio Carlos (Pipoca) e um rapaz filho do presidente do Sindicato dos Arrumadores que não lembro o nome, porém muito bom, com grande futuro.

P— A Casa do Maranhão, instituição sediada e fundada em Brasília, ultimamente prestou homenagem a Barra do Corda e ao senhor. Como viu esta homenagem?

Cruz— Vi com bondade e muita amizade dos maranhenses. Fiquei emocionado e achei uma coisa muito valiosa para minha pessoa. O maranhense em Brasília é um povo que se liga muito.

X

REUNIÃO DA COLÔNIA MARANHENSE

No dia 14 de outubro passado, realizou-se no clube do Congresso, um jantar em homenagem ao aniversário da cidade de São Luís. Ao acontecimento, estiveram presentes o governador do Distrito Federal, engenheiro Elmo Farias; o futuro governador do Maranhão, João Castelo e o candidato a deputado federal, jornalista Edison Lobão.

X

«PAUSA» o jornal da nova geração. Participe e divulgue.

O marco alemão é hoje uma das moedas mais fortes do mundo — embora ela exista há apenas trinta anos. Mais exatamente, desde 20 de junho de 1948. Nas circunstâncias de então, a criação da nova moeda alemã ocidental foi uma das mais arrojadas decisões político-monetárias de nosso século. Em 1948, três anos após o fim da II guerra mundial, a situação econômica era caótica. As sedes de produção haviam sido destruídas em sua maior parte e a população passava fome.

O caos poderia ter sido combatido com medidas estatais dirigidas, com a estatização de ramos inteiros da economia e com o controle oficial dos preços e salários. Todavia, a idéia de Ludwig Erhard, futuro ministro da economia e chefe do governo de Bonn, era diametralmente diversa. Erhard estava plenamente convencido da superioridade de uma economia de livre mercado com um mínimo de ingerência do Estado. Um sistema que exigia, no entanto, condições monetárias ordenadas. Por isso, era necessário tirar da circulação as gigantescas somas de "REICHSMARK".

Foi o que aconteceu com a reforma monetária de 20 de junho de 1948. Ela previa, sobre-

tudo, a troca de todas as reservas em dinheiro e dos exigíveis, como os depósitos bancários ou seguros de vida privados, na proporção de 100 "Reichsmark" por 6 marcos alemães — a nova moeda. Além disso, para iniciar uma nova existência, cada cidadão do país recebeu 60 marcos novos.

Os efeitos econômicos desta reforma monetária beiraram ao milagroso. A rigor, o início da transformação do marco alemão numa das mais fortes moedas do mundo se deu na manhã do dia 21 de junho de 1948. As vitrinas das lojas começaram a encher, o comércio passou a florescer e a produção voltou a funcionar. Isto não quer dizer que a reforma não tenha causado também alguns problemas e injustiças sociais. Os que tinham só dinheiro, perderam quase tudo. Os donos de propriedade se transformaram em milionários. Assim mesmo, o professor de economia, Ludwig Erhard achou que valia a pena correr o risco. Os 30 anos que se seguiram lhe deram razão.

+ALÔ AMIGOS — A VOZ DA ALEMANHA / MARÇO 1978.

COLABORE: ESTAMOS REVELANDO NOVOS VALORES.

MARANHÃO SOBRINHO

"Não temos o direito de comprimir o nome de quem o fez grande, na extensão como na fama", escreveu Isaac Ferreira sobre o poeta José Augusto Américo Olímpio Calvalcante de Albuquerque Maranhão Sobrinho, nascido a 20 de dezembro de 1879 em Barra do Corda, Maranhão, e falecido a 25 de dezembro de 1915 em Manaus, Amazonas, solitário, por ainda completar 36 anos.

Maranhão Sobrinho, nome mais popular nos estados do Maranhão, Pará e Amazonas — nasceu em uma casa modesta, de taipa, da então praça São José, hoje Maranhão Sobrinho em sua terra natal.

Levado a breca, irrequieto, brincalhão no dizer de seus conterrâneos, botava pimenta moída no torrado. "Zeca" apelido familiar e geral, vadio, frequentou às primeiras aulas no colégio do Dr. Isaac Martins, educador de excepcionais qualidades, ardoroso republicano e abolicionista, fundador do jornal "O Norte" de bastante penetração pela circunviziança. Notabilizou-se como primeiro aluno, vivaldino e inteligente.

Nômade, transferiu-se a São Luís com 20 anos, mas só com 22, conseguia matricular-se, com uma bolsa de estudo, naquela época denominado "pensão", na escola Normal da capital estadual, mas, por um curto espaço de tempo, discussões

com professores, abandonou os estudos e entregou-se a vida boêmia.

Alguns conterrâneos afirmam que nunca tivera o poeta compromissos amorosos, ao que outros dizem que aos 18 anos, namorou uma certa Honorina de Miranda (Noca). O certo, que em diversas poesias, canta sempre a musa querida.

1903, com 24 anos, fora embarcado a Belém por seus amigos, com a finalidade de normalizar sua boêmia vida do Maranhão, logo depois, a Manaus donde veio a falecer.

Publicou entre outros livros: Papéis Velhos; Estatuetas e Vitórias Régias, este último em Manaus/1911.

Admirador de Olavo Bilac e influenciado por um autodidata e escritor maranhense, Antônio Lobo, não tivera escola literária preferida, praticou todas; é romântico, é parnasiano e é simbolista.

Hoje, seu corpo encontra-se inumado no cemitério São João, na capital amazonense e algum admirador oculto, em estudos sobre a qualidade mais sensível do seu talento, resumiu pronunciando o seguinte texto, entre outros: "Uma imaginação prodigiosa de colorido mágico".